

NENO VASCO

O Pecado de Simonia



COOPERATIVA EDITORA "A BATALHA"

S. G. R. L.

NÚCLEO DO PORTO

PORTO



Padre João recebendo o merecido castigo

PREÇO 500 REIS

003831

O Pecado de Simonia

COMEDIA EM 1 ACTO

COOPERATIVA EDITORA "A BATALHA"

S. C. R. L.

NÚCLEO DO PORTO

PORTO



NENO VASCO



1920

Cooperativa Graphica Popular

S. PAULO



COOPERATIVA EDITORA "A BATALHA"
S. C. R. L.

NÚCLEO DO PORTO

PORTO

O Pecado de Simonia

ROSA RODRIGUES, viuva, de cerca de 50
anos.

EVA, sua filha, florista, 20 anos; jovem viva,
alegre e saltitante.

CIRO LEAL, operario gravador, 23 anos; ca-
racter energico, mas afavel; ar inteligente.

PADRE JOÃO, jesuita, de meia idade, magro e
sornia. Usa sotaina.

JOSE, vendedor de bilhetes: "Corre hoje!"

Dois homens e duas mulheres nos bastidores.

ACTUALIDADE

A scena representa uma sala de fami-
lia pobre. Algumas cadeiras modestas;
uma mesa, com apetrechos de florista a
um lado, do outro um oratorio, defronte
da porta que dá para o jardim. Ao fundo,
uma porta e uma janela baixa para a
rua; á esquerda, duas portas para aposen-
tos da casa; á direita, uma janela baixa,
perto do proscenio, e uma porta, perto da
janela para a rua; ambas deitam para um
corredor descoberto que leva ao quintal.
Quando o pano sobe, Eva conversa com
Ciro, que está na rua, do lado de fóra da
janela.

SCENA I

Eva e Ciro

EVA, continuando a conversa

...Coisas de gente velha... Mas... ora!... eu vencerei!

CIRO

Mas porque será que ella não me pôde ver?

EVA

Tenho-te dito muitas vezes. E' porque tens fama de herege... de incredulo... de inimigo dos padres e da igreja... As vizinhas, as amigas, enchem-lhe a cabeça de coisas assustadoras, terriveis... E então o padre João?... Tenho-lhe uma raiva!... E elle já comprehendeu...

CIRO

Faço ideia... O que essa gente não dirá de mim! Eu para elles devo ser o Anti-Christo... Como não me encubro...

EVA

E'. Tu para elles és o proprio diabo... que me estás tentando... Ainda ha dias minha mãe me disse o que o padre João descobriu: que és um anarquista...

CIRO

Grande descoberta! Qualquer dia descobro que elle é padre...

EVA

Mas escuta... O padre affirmou-lhe que tu fazes parte duma sociedade secreta, onde se tira á sorte quem ha de ir matar um rei ou qualquer poderoso...

CIRO, rindo

Ah! ah! ah!... E' isso que entende por anarchista?

EVA

E minha mãe, muito assustada, diz então: "Imagina que um dia cai a sorte nelle! Jesus! Crede! Olha se aquillo serve para marido de mulher seria a socegada!"

CIRO

E' boa! E tu que disseste?

EVA

Eu que havia de dizer? Disse que era mentira. Ella até ficou toda zangada... Que "o sr. padre João não é capaz de mentir"... que elle sabe o que diz... Canalha de padre!

CIRO

Está mesmo a pedir uma boa sóva para as costas... Talvez lhe faça a vontade...

EVA

E é verdade: sabes o que aconteceu? A mãe descobriu aquelle livrinho que tu me deste da ultima vez... Leu a capa... e fez um

escandalo tão grande que todo o dia me doeu a cabeça... Tive de lhe explicar o que é o "amor livre" mas ella acha isso uma coisa diabolica e teri mais medo de ti... Foi o diabo! Queria levar o livro ao padre... falava até em queixar-se á policia... Mas eu arranjei tudo... rasgando o livro diante della... Ella não é má, coitada... Se não fosse aquelle padrega...

CIRO

Tens lido os livros e folhetos que te dei?

EVA

Sim...

CIRO

Gostas?...

EVA

Muito... (Uma pausa. Ambos sorriem.)
Quantas verdades!... Tu já me tinhas convencido. Ah! agora é que eu vejo as mentiras que me ensinaram... na escola... em casa... A's mulheres, então!...

CIRO

Querida Eva!... (Pausa. Dão as mãos. Neste momento, Rosa apparece á esquerda. Ciro, que a vê logo, retira-se sem precipitação. Eva volta-se, dirige-se á mesa de trabalho, apóia nella a mão e fica com os olhos baixos, mas digna. A mãe fica á porta um pouco, abanando a cabeça e seguindo-a com os olhos, e depois diz:)

SCENA II

Eva e Rosa

ROSA, ironica

Sim, senhora... muito bem! A velha veio espantar os dois pombinhos?... Coitados!... (Gritando:) Tu não tens vergonha nenhuma nessa cara! Já te disse milhares de vezes que não quero conversas com aquelle garoto... (Eva levanta a cabeça.) Sim! com aquelle garoto! Como queres que lhe chame? (Pausa. Eva encolhe os hombros.) Já toda a gente anda a dizer que tu não tens juizo... Quando passa uma de nós na rua, tudo são risinhos... tudo são segredinhos... Todas se regalam, as senhoras vizinhas... O que ellas não hão de dizer, vendo aquelle... atrevido, aquelle vagabundo, ali, á janela!... E sabes o que diz o sr. padre João? (Eva sorri-se.) Ai! tu ris-te?

EVA

Mas, mamã, que nos importa o que dizem as senhoras vizinhas e esse padre... intrometido e vagabundo?...

ROSA

Que dizes? Perdeste o juizo? O maldito transtornou-lhe de todo a cabeça! (Eva sorri-se.) E ainda te ris? (Furiosa:) Não sei, mas tenho até vontade de... (Enfurecendo-se mais:) Olha... toma... (Atira-lhe um chinelo).

EVA, com dignidade

Mamã!...

ROSA

Ah! pensas que já não tenho mãos para te sovar como d'antes?...

EVA, revoltada

Mamã! Não quero que levante a mão para mim! (A mãe fica um tanto surpresa. Eva continúa com voz ainda firme, mas molhada de lagrimas:) Mamã: eu estimo-a muito... tenho-lhe respeito... amor... Sempre procurei dar-lhe alegria... Desde que o Antonio, coitado, se fez soldado, e lá anda não sei por onde... sem escrever... sem querer saber da familia... da mãe... sou eu que tenho trabalhado constantemente... para que nada falte nesta casa... porque a mamã, coitada, pouco...

ROSA

Fizeste a tua obrigação...

EVA

Fiz assim porque quiz... porque lhe tenho amor, mamã... Ninguém me obrigou... E quero continuar... Mas o que eu não quero é que me trate como uma escrava... que chegue ao ponto de me bater... Não quero... não quero...

ROSA

Mas eu sou tua mãe!

EVA

E eu sou sua filha! (Pausa). Veja se pôde convencer-me de que estou mal encaminhada... de que não tenho razão... Não sou teimosa...

Nunca o fui... (Pausa. A mãe olha-a, admirada. Mãe meiga:) Mamã, pense bem: porque foi toda esta questão entre nós?... Pense bem: eu tenho razão!

ROSA, irritada

Tens razão? Mas não queres largar aquelle demónio que ha de ser a tua perdição... e a minha morte... Dizes que me tens amor! Se me tens amor... então aquelle rapaz, que não te serve nem te pôde servir...

COOPERATIVA EDITORA A BATAENA
S. C. R. L.
NÚCLEO DO PORTO
PORTO

EVA

porque? O Ciro é um excelente moço...

ROSA

Isso! O Ciro... O Ciro... como se fosse já teu marido!

EVA, levantando-se

Gra!... Diga, mamã: a senhora queria que a obrigassem a mandar embofa um moço de que gostasse, quando era moça?...

ROSA

Então, a gente não tem juízo...

EVA

O que não tem é velhice...

ROSA

Que dizes?... Escuta, Eva: como queres um homem como aquelle, muito capaz de te deixar para ahí abandonada?... Tu bem sabes o que elle diz do casamento... E olha que o sr. padre

Jeão também sabe... Não o dizia o livro que esse óiabo té deu, para te tentar?... O que elle quer... bem sei... E' divertir-se e depois...

EVA

Não, mamã. Eu conheço bem o Ciro... o sr. Leal. Tive ocasião e tempo para isso. E' absolutamente incapaz duma traição, duma infâmia... O seu nome não mente: é um rapaz "leal", que não foge ás responsabilidades que toma...

ROSA

E's uma tola! Quem é que se pôde fiar num homem que nem tem o temor de Deus?...

EVA

Tinha-o o filho do capitão Fernandes... muito santinho... muito seriozinho... sempre com os padres... e que se casou com uma rica, deixando aquella pobre mulher com tres filhos... Lembra-se quando ella veio aqui contar a sua vida, chorando?... E o padre Lopes, não tinha o temor de Deus?... E o sr. Roberto... O Ciro é franco, não faz promessas enganadoras... diz que o casamento não garante nada... que a unica garantia é o amor e a lealdade de ambos... e a coragem de cada um... Mas aquelles "bons moços" prometiam... prometiam... enganavam... deixavam as pobres ingenuas na ignorancia... na imprevidencia...

ROSA

Pois por isso é que ninguem se deve fiar nos homens... Só quem não tem juizo é que quer juntar-se a um homem... sem ir á igreja! Crédo! Um peccado mortal...

EVA

Os padres é que o dizem... Lá lhes fa o negocio, se não fizessem acreditar nisso...

ROSA

Calate! calate! que nem posso ouvir tantas heresias! Estás perdida de todo!... E tu não vês, maluca, que esse... demonio até nem quer ir ao civil?... Tu não vês?... Querias que elle te abandonasse alguns meses depois de... quando já... quando quizesse? Querias? Eu bem digo que perdeste o juizo! Deus nos acuda!

EVA

Serviu de muito o casamento á d. Zulmira, abandonada pelo marido com dois filhos... (Cariciosa) O papá não era muito religioso, e era bom... não era? (Rosa acena que sim). A senhora pensa que elle, se não houvesse entre os dois os "laços do sagrado matrimonio", como diz o padre Jeão, a abandonava... com os filhos, como fez o marido da d. Zulmira?

ROSA, branda

Oh! não! teu pai não faria isso... Era tão bom... tão honrado!... Não... Antes queria que o matassem... Abandonar os filhos! Ah! Eva, isso não, tenho a certeza. Mas eu soube escolher... eu bem sabia com quem casava...

EVA, rindo

Ah! ah! ah!... (Beijando-a várias vezes:)
Então só a mamã é que sabe escolher?...

ROSA, meio risonha

Ai! que tola!... que tola!...

EVA, tomando-lhe as mãos e rindo

Vou ao jardim regar as minhas flores, coitadas... Hoje fez um sol tão quente!... (**Dansa em roda da mãe, fazendo-a girar**). Vamos, está tudo acabado! Nada de brigas... que me dói a barriga... e sou muito sua amiga... (**Sai pela direita, a correr, ás gargalhadas. A mãe repete sempre: "Que tola!... que tola!..."**)

SCENA III

Rosa e depois José

(**Rosa**, distrahidamente, mexe nos objectos que estão sobre a mesa. Depois dirige-se ao oratorio e fica em contemplação piedosa durante alguns momentos. Tira um crucifixo com imagem de prata e beija-o, tornando a pô-lo no oratorio. Em seguida, ajoelha-se para rezar umas contas).

JOSE', na rua, ainda ao longe

Corre hoje!... 3412... Corre hoje!... 12 contos!

(**Rosa** reza distraidamente, prestando atenção aos ruídos da rua).

UMA VOZ de mulher, na rua

Sra. Anninhas! Dê-me o seu palpite... Que bicho dá hoje?

OUTRA VOZ de mulher, na rua

Hoje dá o burro, com 12... Sonhei que meu marido... (**Risadas na rua**).

JOSE', na rua, perto

E' o 3412... Corre hoje! Quem quer 12 contos! Corre hoje! 3412...

UMA VOZ de homem, na rua

Seu burro! você não vê? seu burro!

OUTRA VOZ de homem, na rua

Burro é você! Você é que é burro!

JOSE', mais longe

Corre hoje!... 3412... Corre hoje!

UMA MULHER, na rua

A minha galinha tem doze pintinhos, sra. Anninhas...

UM HOMEM, na rua

...Levou 12 facadas, coitado!

JOSE', perto, na rua

Corre hoje!... 3412... Corre hoje!

ROSA, desesperada, erguendo os olhos ao oratorio

Meu Deus! que tentação!... Tudo doze!... Perdoai-me, meu Deus... Padre-nosso que estais no céu...

JOSE', da janela

D. Rosa! não quer a sorte grande? E' o ultimo meio-bilhete... D'aqui a um quarto de hora tem

a sorte grande... 3412... e doze... O burro,
d. Rosa... (Rosa levanta-se).

EVA, entra do jardim, gritando

Mamã! Mamã! Venha ver a minha roseira
como está bonita! Doze rosas abertas! Uma du-
zia! Que bonito! (Sai correndo).

JOSE', rindo

Sua filha está dando o palpíte... D. Rosa.

ROSA, abrindo a porta, hesitante

Meu Deus!... Meu Deus!...

JOSE', entrando logo, insinuante

Garanto-lhe que tenho aqui a sorte gran-
de... A senhora vai ganhar seis contos com toda
a certeza...

ROSA, embaraçada

Mas... agora me lembro... estou mesmo
sem cabeça... Não tenho um tostão em casa,
sr. José... não tenho... que pena!...

JOSE'

Que pena!... Procure bem, d. Rosa... Olhe
que a sorte está aqui... Se não compra, morrerá
depois de desgosto... Ah! se neste negocio se
pudesse fiar!... Que pena!...

ROSA, olhando em torno

Que raiva, meu Deus!... E eu que tinha
tão bom palpíte!... Ora, espere... Ai! não pôde

ser! Já não tenho nem sequer um objecto de
ouro... Ah!... (hesita, olhando para o ora-
torio).

JOSE', seguindo-lhe o olhar

D'aqui a um quarto de hora, a senhora tem
seis contos... garanto... Se quiser... vou-lhe
empenhar algum objecto... aqui perto... no
Correia... quer? Aquelle crucifixo...

ROSA, tomando o crucifixo, depois de uma
indecisão

Olhe, sr. José... Eu acho que é um grande
pecado... mas o palpíte é tão grande... O
burro com doze... Jesus!... O burro...

JOSE', tirando-lhe o crucifixo da mão

Ahi tem o bilhete... Eu vou num pulo... e
trago-lhe já o dinheiro... (Sai).

ROSA, caindo de joelhos

Ai! meu Deus! perdoai-me!

SCENA VI

Rosa e Padre João

PADRE JOÃO, da janella

Rezando, d. Rosa? Muito bem! (Rosa le-
vanta-se). Como passou? Como vai sua filha?

ROSA

Sempre na mesma, sr. Padre João... Faça
o favor de entrar... (Abre a porta; o padre en-
tra). Sempre na mesma...

PADRE JOÃO, sentando-se

E o vagabundo? Continua a transtornar-lhe a cabeça? (*Rosa suspira*). Aquelle patife será a deshenra desta casa... E' o diabo tentador. (*Eva. indo a entrar, vê o padre e volta para trás*).

ROSA

Ai! sr. padre João... eu bem lhe digo... eu bem lhe ralho... Isto de mocidade... Mas aquillo passa-lhe...

PADRE JOÃO, severo

D. Rosa: a senhora tem terríveis responsabilidades!... tem de prestar contas a Deus... Sua filha já está corrompida... (*Movimento de Rosa*). Sim... Ainda agora chegou ali á porta e fugiu... quando me viu... (*Movimento de Rosa*). O Diabo

SCENA V

Os mesmos e José

JOSE', gritando da janca

Pronto! D. Rosa! Cá está o cobre! (*Rosa, embarçada, vai abrir; José entra*). O diabo do homem é um ladrão: deu-me só 5\$000, quando o Cristo de prata vale mais de... 30 dinheiros. (*Ri*).

(O padre presta atenção e olha para o oratorio; Rosa faz inúteis sinais para que José se cale).

ROSA

Chiu!... Esteja calado, homem!... Não diga isso! Credo! Faça favor de se pagar e de me dar o resto...

JOSE', dando-lhe dinheiro

Isto de penhoristas são uns ladrões... uns ladrões... E adeus, d. Rosa. Verá como d'aqui a pouco tem a sorte grande... Lembre-se de que fui eu que lh'a vendi... Adeus, d. Rosa (*Sai*).

SCENA VI

Os mesmos, menos José

(Silencio embaraçador. Rosa olha o chão e o padre fita-a ríspidamente).

PADRE JOÃO, severo

Que fez, d. Rosa? A senhora vendeu o seu bello crucifixo para comprar... um bilhete de loteria?!

ROSA, trémula

Vendi, não, sr. padre João... Empenhei...

PADRE JOÃO

Não importa! (De pé, solene e severo). D. Rosa! A sra. acaba de cometer o hediondo peccado de simonia!

ROSA, trémula e chorosa

Ai! minha Nossa Senhora!... Jesus! Nossa Senhora!...

PADRE JOÃO

Negociar com coisas santas... e para quê? Para comprar um bilhete! para jogar na loteria! Santo Deus! O demonio entrou nesta casa. não ha duvida!

ROSA

Nossa Senhora!... Jesus!... Nossa Senhora

PADRE JOÃO

A senhora está perdida... está perdida... Sua filha está perdida... Eva... nome predeterminado!... O Diabo tentou-a outra vez... e abençoou-se nesta casa...

ROSA

Meu Deus!... Nossa Senhora! Jesus! Jesus! Nossa Senhora!

PADRE JOÃO

Um pecado horrivel! Negociar com coisas santas! Empenhar um crucifixo... para jogar! Nenhum padre lhe dará a absolvição! (Senta-se.)

ROSA

Jesus! Jesus! Nossa Senhora! Como hei de fazer, meu Deus?...

PADRE JOÃO

Um pecado monstruoso... que brada aos céus!

UMA VOZ feminina, na rua

Senhora Anninhas, vem da cidade? Que bicho deu?

OUTRA VOZ feminina, na rua

Eu não lhe disse? Deu o burro, com o 12... 3412... O sr. José contou-me...

ROSA, de pé, gritando:

Ah!

PADRE JOÃO, erguendo-se, vivamente:

Que é?...

ROSA, alvoroçada, loquazmente

Bemdito seja Deus!... Bemdito seja Deus!... Nossa Senhora ouviu-me... Nosso Senhor perdoou-me... O bilhete está premiado!... E' sinal que estou perdoada! Bemdito seja Deus!...

PADRE JOÃO, com vivacidade

Está premiado?... Quanto lhe saiu?...

ROSA, alegre

Seis contos de reis!... Seis contos!... Tanto dinheiro!... E eu que tanto precisava!... Graças a Deus!...

PADRE JOÃO, alegre

Os meus parabens!... Está com sorte... Sim, senhora... (Reprimindo-se.) Mas... (Pausa). Rosa olha-o inquieta). O Demonio sabe armar as suas ciladas!...

ROSA, séria

Que diz, sr. padre João?

PADRE JOÃO, grave

Digo que esse dinheiro é uma traição do demónio... Esse dinheiro está amaldiçoado... Esse dinheiro é dinheiro maldito... é dinheiro do inferno...

ROSA, aterrada

Jesus!

PADRE JOÃO

Sim... esse dinheiro cheira a inferno... é fruto dum pecado hediondo...

ROSA

Valha-me Nossa Senhora!... Mas... sr. padre João... eu pensei que Deus... me tinha perdoado... me tinha ouvido... Nós precisavamos tanto... A Eva, coitada... tem ganhado pouco... pouca freguezia... Temos tantas vidas!

PADRE JOÃO

Deus quer experimentar as suas criaturas...

ROSA

Eu cuidava que, como estávamos tão necessitados, Deus nos quiz ajudar... Valha-me Deus!

PADRE JOÃO

Não senhora, o demónio sabe armar as suas ciladas... A necessidade que as senhoras têm de dinheiro é para melhor fazer a tentação...

ROSA

Meu Deus!... Que desgraçada que sou!... Desde que me faltou meu marido, tudo me tem corrido mal... Ah! se elle ainda estivesse vivo nem eu precisava de cometer este pecado. (Suspira). Vaiha-me Nossa Senhora!...

PADRE JOÃO, que esteve meditando e prestou atenção ás palavras de Rosa, como que tendo uma ideia subita

D. Rosa! Achei um meio de obter o perdão completo para o seu pecado...

ROSA, interrompendo

Ah! Deus o permita, sr. padre João!...

PADRE JOÃO, continuando

...um meio de inutilizar as combinações do demónio...

ROSA

Diga, sr. padre João, diga, pelo amor de Deus...

PADRE JOÃO

A senhora não me disse ha dias que lhe pareceu ver seu marido... em sonhos?...

ROSA

Sim senhor... Eu estava tão afflicta nesse dia... Não tínhamos um vintem em casa... O senhorio veio pedir o aluguel... Todo o dia pensei no meu pobre Manuel... tão trabalhador... que ganhava o bastante para irmos vivendo... Depois... á noite... pareceu-me... vê-lo... muito triste... olhando para mim... muito triste... todo vestido de branco...

PADRE JOÃO

Depois eu meditei nisso e convenci-me de que não foi um sonho...

ROSA

Que diz, sr. padre João?!

PADRE JOÃO

Era a alma de seu marido!

ROSA

Ai! Jesus!... Credo!...

PADRE JOÃO

Não disse que vinha vestido de branco... muito triste?...

ROSA

Sim, senhor...

PADRE JOÃO

Hois era a alma de seu marido!

ROSA

Jesus! Jesus!

PADRE JOÃO

Escute, d. Rosa: seu marido, o sr. Manuel Rodrigues... era... um excellente coração... muito trabalhador... muito amigo de sua família...

ROSA, comovida

Oh! lá isso... lá isso...

PADRE JOÃO

E' verdade que, quando veio da sua aldeia de Portugal para estas cidades perdidas, perdeu um pouco de religião... Mas Deus, decerto, perdoou-lhe a sua pouca religião pela grande bondade do seu coração... Em vez de ir para as penas eternas... foi decerto para o Purgatorio... E agora vem por aqui a pedir que o ajudem a salvar-se...

ROSA

Coitado! Meu pobre Manuel! Coitado! Deus lhe alivie os sofrimentos!...

PADRE JOÃO

A senhora sabe que uma missa tem poder para isso, para lhe aliviar os sofrimentos... Cada missa por sua alma é um anno... um seculo menos de Purgatorio... Olhe: o que seu marido quer são missas... Fique certa... O que elle quer são missas... que o possam tirar dali...

ROSA

Então vou mandar dizer missas por alma delle!

PADRE JOÃO

Justamente! E é o melhor emprego que a senhora pôde dar a esse dinheiro diabolico, fruto do peccado... O demonio destinava-o a perder a sua alma, d. Rosa, e a de sua filha... A senhora pôde estragar-lhe os planos destinando-o

a salvar a alma de seu marido, e ainda as que o demonio queria perder...

ROSA

Quantas missas será preciso mandar dizer?

PADRE JOÃO

Não sei... Algumas almas precisam de muitas, muitas... milhares e milhares mesmo... Mande dizer quantas puder: se elle não se salvar logo do Purgatorio, ao menos ficará com a pena muito diminuida... Todo esse dinheiro mal adquirido devè ser gasto em boas obras... (Rosa suspira profundamente; o padre tem uma idéia subita). Ouça, d. Rosa: sabe o que vai succeder? A alma de seu marido apparecerá hoje por ahí!...

ROSA

Jesus! Jesus! Credo! Ah! sr. padre João, não diga isso!...

PADRE JOÃO

Não se assuste! Não tem razão... Elle já sabe decerto que lhe saiu a sorte grande e vem reclamar as missas... Arme-se de coragem e interrogue-o... Talvez elle lhe diga de quantas missas precisa... quanto deve gastar nellas... e mesmo quanto pôde ficar para a senhora... Quem sabe? Talvez Deus o permita... se a senhora fizer tudo o que a alma de seu marido lhe mandar, sem hesitação...

ROSA, mais animada

Faço, sim, sr. padre João...

PADRE JOÃO

Tenha cuidado! Trata-se da sua alma... da alma de seu marido... e até da de sua filha... que ainda se salvará... porque o demonio fugirá desta casa... E é verdade: deve tratar já de resgatar o crucifixo... benze-lo de novo... fazer-lhe uma festa... e cumprir uma severa penitencia... que eu lhe marcarei depois... quando lhe dêr a absolvição... na confissão...

ROSA

Sim, senhor... O primeiro dinheiro que receber é para ir buscar o crucifixo... Deus nosso senhor me perdõe!

PADRE JOÃO

Bem. Tenha cuidado com as ciladas do demonio... Olhe: não diga nada á sua filha... Ella está enfeitada... pelo tal hereje... Conta-lhe tudo... e por artes do demonio... são capazes de impedir... a sua salvação, d. Rosa... e a de seu marido... coitado! Deus lhe perdõe!

ROSA

Mas, sr. padre João... como posso esconder o que aconteceu?... Já toda a visinhança o saberá... O José já contou com certeza que me vendeu a sorte grande... elle que é tão tagarella...

PADRE JOÃO

Diga-lhe que perdeu o bilhete... Não... não... E' melhor dizer-lhe que o rasgou... ou queimou... Diga-lhe que o rasgou...

ROSA

Mentir á minha filha!

PADRE, solene e intimativo

A mentira d. Rosa, não é pecado, quando feita com tão santas intenções: salvar duas... tres almas... e pelo exemplo destas... quem sabe quantas?... Pôde dizer essa santa mentira, d. Rosa... Depois eu a absolverei. (Levanta-se). E adeus, d. Rosa... Faça o que lhe disser seu marido... se elle vier... Livre-se das ciladas do demonio... e dos seus instrumentos... Vou-me embora, que já é noite...

ROSA

Vá descansado, sr. padre João... mais vale a salvação da nossa alma do que todas as riquezas do mundo!... (suspira).

PADRE JOÃO

Decerte! (tímido e solenne): Que vale esta misera vida, com todos os seus mesquinhos e passageiros gozos, em face da vida eterna... Já recompensa que Deus reserva aos bons... aos submissos... aos humildes... aos puros... já em cima?... Boa noite, d. Rosa!... (sahe).

ROSA

Boa noite, sr. padre João... Deus lhe pague a sua caridade... (suspira).

SCENA VII

Rosa e, depois Eva

Rosa percorre vagarosamente a sala suspirando, arrumando as coisas. A' janella da direita, apparece Eva, que espreita, para ver si ainda

está o padre, e entra pela porta proxima, quando sua mãe vai a sahir pela esquerda.

EVA

Mamã...

ROSA, estremeccendo

Ah!... Padre nosso que estaes no céu...

EVA

Que é, mamã? Teve susto?

ROSA

Ah! és tu? Pensei... Vou lá dentro buscar a luz que já está bastante escuro. (sahe).

SCENA VIII

Eva e José

Eva dirige-se á mesa e põe em ordem diversos objectos.

JOSE' da janella, alegre

E o meu premio, d. Rosa?... Ah! não está?... Onde está a mamã d. Eva? Já foi receber o cobre?

EVA, admirada

O cobre?! que cobre?

JOSE'

O quê! Não sabe?... Ora! está fingindo que não sabe...

EVA

Não sei o quê?

JOSE'

Pois a mamã ainda não lhe disse?... Querem vêr que ainda não lhe deram a grande notícia? Pois olhe que já sabe toda a cidade, toda a vizinhança... Não se fala de outra coisa!

EVA, impaciente

Mas diga; diga, sr. José...

JOSE', num grito

Sabiu a sorte no bilhete que eu vendi aqui pouco a d. Rosa!... Meio bilhete... Seis contos!...

EVA, alegre, batendo palmas

Ai! que bom! que bom! Mas como foi isso?

JOSE'

Foi um palpite de arromba... O burro!... Eu também sempre gostei do burro... E' muito boa pessoa!

EVA, dansando...

Que bom! que bom!

JOSE'

E olhe que se não fosse eu, d. Rosa não comprava o bilhete... Se eu não fosse empenhar o crucifixo, sua mãe não se resolvia...

EVA

Como!? O crucifixo?!

JOSE'

Sim... A mamã não contou?

EVA

Nada.

JOSE'

Ela não tinha dinheiro... o palpite era grande... Então lembrou-se do crucifixo... e eu corri logo ao penhorista. (Ri).

EVA fica pasmada um momento, fitando o oratorio

E' verdade! (rindo ás gargalhadas). Ah! ah! ah! O crucifixo! ah! ah! a mamã! ah! ah! ah! (cahindo sobre uma cadeira). Ai que eu morro!... ai que eu rebento! ah! ah! ah! (José ri tambem).

JOSE', enquanto ella ri

Ben empregado Christo! Nunca elle fez um milagre tão importante... Adeus, d. Eva... amanhã, venho receber a gorgeta... Não perdôe...

EVA, levantando-se

Entre, sr. José... Desculpe... tinha-me esquecido... Não quer esperar um pouco?... ah! ah! ah!

JOSE', alegre

Não, não é preciso. Até amanhã... Temos tempo... Adeus, d. Eva! (vai-se).

SCENA IX — Eva e Rosa

(Eva ficando só continua a rir, dando voltas até á esquerda, onde quasi vai de encontro á mãe, que entra com um candieiro).

ROSA

Ah!... que é isso, filha?

EVA, batendo palmas

Então, estava tão calada com a sua riqueza? Seis contos de réis!... Nunca vi tanto dinheiro!

ROSA, embaraçada, procurando passar

Que estás dizendo, filha?... Que estás dizendo?...

EVA

Então a mamã não sabe que está rica... milionária? Não sabe que lhe sahiu a sorte grande no meio bilhete que comprou, hoje ao sr. José? Não sabe?...

ROSA

Sim... sabia... mas... (fica embaraçada)

EVA

Sabia e não está contente?! e não me disse nada?

ROSA

Ainda não te havia visto... E depois eu... olha... rasguei o bilhete...

EVA, com grande espanto

Rasgou o bilhete?!

ROSA, titubeante

Sim... rasguei... rasguei o bilhete... o bilhete... rasguei-o... eu não sabia ainda da sorte...

ROSA, desolada

Mas porque o rasgou?...

ROSA

Porque o demonio é tentador, minha filha. Eu fiz um pecado... empenhei o cruel! fixo para comprar o bilhete... estava maldito... tive medo das tentações... (Rosa fecha a janela para mais tarde abrir, fala sempre com hesitação, faz movimentos incoherentes, arrumações inúteis).

EVA

Que pena!... (como que procurando no chão com os olhos). Onde o rasgou, mamã?... (fica pensativa, observando a mãe).

ROSA

Rasguei-o... aqui... depois queimei-o... (Eva fita-a silenciosamente). Pensas que não é verdade?... Não acreditas em mim?... (Perturbada, falando volutamente;) Rasguei o bilhete... Era preciso, minha filha; foi um grande pecado... o pecado de... um pecado... muito grande... Tenho que fazer uma pesada penitencia... tenho que resgatar já o crucifixo... (suspira). Vou-me deitar... Primeiro vou rezar o Rozario... Deus me perdõe... depois vou me deitar... E tu, minha filha? Deves estar muito cansada... vai-te deitar tambem, minha filha...

EVA, como que seguindo o fio dos seus pensamentos

Foi o padre João que lhe disse que rasgasse o bilhete?

ROSA, perturbada

O sr. padre João?... Sim... foi elle... Elle tinha razão... Vou lá dentro tomar um pouco de café... Dê-me tanto a cabeça. (Sai!)

SCENA X — Eva e Ciro

Eva fica pensativa, com os olhos no chão, um leve sorriso triste nos lábios).

CIRO, aparecendo á janella, com voz discreta

Eva!...

EVA estremecendo

Ah!... Ciro... olha... escuta. (Rapidamente). A mamã empenhou um crucifixo para comprar um bilhete; sahio-lhe a sorte grande... Seis contos. Esteve aqui o padre João... e ella diz que rasgou o bilhete... Parece que se trata d'uma patifaria do padre... (ouvem-se passos dentro; Eva escuta). Fica aqui por perto... para combinarmos alguma coisa... Vai... (Ciro vai-se; Eva fecha a janella).

SCENA XI — Eva e Rosa

(Eva senta-se á mesa de trabalho com as faces encostadas ás mãos, pensativa).

ROSA, entrando

Vai-te deitar, minha filha, vai... Deves estar muito cansada... Tambem não tens nenhum trabalho urgente... E' melhor irs deitar-te...

EVA

Sim... Eu vou, mamã. Dê-me um pouco a cabeça... Amanhã acabo este trabalho... (Neste momento vê-se de relance o vulto do padre João á janella da direita; nenhuma das duas o vê).

ROSA

Sim, sim... Queres que te faça chá?... Dê-te muito a cabeça?

EVA

Não, mamã; muito não. (Fita a mãe que baixa os olhos. Pausa embaraçosa). Boa noite, mamã! (Beija-a e sai!)

SCENA XII

Rosa e o Fantasma

(Quando Eva desaparece).

Rosa suspira profundamente, murmurando: Jesus! Jesus! em seguida, tirando do bolso umas contas, ajoelha-se diante do oratorio, preparando-se para rezar. A' porta da direita apparece depois um vulto envolto num lençol e ali pára, silencioso. Rosa continua rezando, sem o notar.

FANTASMA, após silencio; voz cavernosa

Rosa!

ROSA, voltando-se, dá um grito de pavor

Ai!... meu Deus! Nossa Senhora!... Padre Nosso... Ave Maria... que estaes no céu... bendito é o fruto... (Reza atrapalhadamente).

FANTASMA, estendendo os braços, com voz abafada

Cala-te! (Rosa continua rezando em voz baixa). Eu sou teu defunto marido... Sei que me podes valer no meu mal... Queres acudir a teu marido?...

ROSA

Ai. Nossa Senhora!... Ai. Nossa Senhora!
(Reza).

FANTASMA, soturno

Fala!

ROSA, debilmente

Sim!...

FANTASMA

Sabes o que deves fazer? (Rosa acena que não, rezando sempre.) Esse dinheiro que ganhaste... é maldito e só podes resgatar o teu horrível pecado empregando-o em boas obras... Manda dizer mil missas por mim... Cada missa que se disser por mim é um seculo de purgatorio perdoado...

SCENA XIII

Os mesmos, Eva e depois Ciro

EVA, correndo

Ah! canalha!... Ah! ladrão!... (agarrando o lençol do fantasma, que pretende fugir.) Socorro!... socorro!... (A mãe, atarantada, grita e foge para dentro, torna a entrar, ajoelha-se e reza em voz alta. O fantasma faz um esforço para soltar-se e sair pela janela, quando, de repente, esta abre-se e apparece Ciro).

CIRO

Ah! (Saltando pela janela.) Já comprehendidi... (O fantasma consegue desprender-se e fugir para o quintal, perseguido por Ciro, que grita:) Ah! bandido! Temos umas contas a ajustar!...

Eva fecha e tranca a janela e corre para o jardim. A mãe, sempre em exclamações piás e rezando, vai seguir o mesmo caminho, quando o fantasma, entrando de novo, a derruba, fugindo pela esquerda, logo seguido de Ciro, que grita sempre. Eva entra tambem, trazendo uma pequena escada.

EVA, pousando a escada

O patife trouxe uma escada da igreja para saltar ao quintal... Ha de ficar aqui como um trophéo e um documento. (Sáí.)

(Lá dentro ha grande barulho, cáem cadeiras, panelas, louças, etc. Ouvem-se gritos. De novo, o fantasma atravessa a scena em direcção ao quintal, perseguido por Ciro e Eva. A velha geme e reza sempre, aterrada. Momentos depois, entra o fantasma, debatendo-se nos braços fortes de Ciro, e Eva, batendo palmas, alegre.

ROSA, aterrada

Ai! Credo!... Ai! Jesus!... Ai! Jesus!...

EVA

Qual "ai, Jesus!", nem qual nada!... Olhe!... (Tira de repente o lençol ao fantasma e apparece padre João, cabisbaixo e humilhado; Rosa fica muda de pasmo.)

CIRO, segurando o padre apenas por um braço

Com estes herejes é que você não contava, reverendo? Heim? Imagine-se! Herejes que nem acreditam em almas do outro mundo!

EVA

Nem em almas que precisam de missas...

ROSA

Ah! Sr. padre João!...

CIRO

Então, você, seu santarrão, queria o dinheiro destas pobres senhoras? Fez talvez medo a esta senhora (indicando Rosa) com o espectro do pecado?

ROSA

O pecado... como é?... o pecado de simonia...

CIRO, indignado

Era o pecado que ele ia cometer... condemnando-o nos outros! Ah, ladrão!... Mas toda a tua igreja... digo, todo o teu bazar catolice romano, baseado sobre o pecado da simonia! Venda de indulgencias, de missas, de exorcismos, de sortilegios, de feitiços, de reliquias... A historia... a essencia do teu estabelecimento, é o pecado de simonia! Ah! ladrão!...

(O padre tenta fugir, mas Ciro, no esforço que faz, segurando-o, obriga o padre a ficar com o trazeiro voltado para o publico.)

ROSA, tirando de repente o chinelo do pé e batendo vigorosamente nos fundos redondos do padre.

Toma!... Toma!...

EVA, rindo, batendo palmas

Bravo, mamã!... Ah! ah! ah!... Quem havia de dizer!... Ah! ah! ah!... A mamã batendo no "Sr. padre João"!...

CIRO

E' a desilusão que chega; bemvinda seja!

ROSA

Dizia-me que eu ia para o inferno se não gastasse o dinheiro... como elle quizesse... para o comer... Toma!... Toma!... (bate.)

CIRO, rindo

Isso, d. Rosa; isso!...

ROSA

A dizer-me que mentisse á minha filha, que dissesse que tinha queimado o bilhete... Toma! Toma!... (Bate; o padre põe a mão no sitio dolorido.)

CIRO

Bom... Este patife... merecia uma boa sova... e eu tinha umas contas a ajustar com elle... mas, como d. Rosa já o castigou (ri), que se vá embora. Se torna, então... Façam favor de abrir a porta... (Eva abre a porta). Vai... e tem cautela... porque se torno a apanhar-te noutra como esta... ou se intrigares contra mim... não te darei só chineladas... Vai... (Empurra-o e dá-lhe um ponta-pé no trazeiro; o padre cá, levanta-se e foge, a correr; todos riem; Eva fecha a porta.)

SCENA XIV

Os mesmos menos padre João

ROSA

Nunca pensei que aquelle padre, que parecia tão bom, tão sério, fosse capaz disto... Credo!

CIRO

Mas de que vivem os padres, d. Rosa? De enganar os simples... Ou com enganos raros, como este, ou com outros, a que o povo já está acostumado...

ROSA

Quem havia de dizer!...

EVA

Disse-lh'o eu, mamã, que nunca gostei deste ladrão...

ROSA

Parecia tão santinho!...

CIRO

Bom... Já não precisam de mim, não é verdade? Peço licença para me retirar...

EVA

Mamã... então a senhora não agradece ao **Ciro (emendando-se)** ao sr. **Ciro**, o seu favor?

ROSA, alegre, ameaçando Eva com a mão

Bem sei o que tu queres, maliciosa... Vou fazer-te a vontade... **(Tira o bilhete do bolso)**. Aqui tem, senhor meu futuro genro, o bilhete

premiado... Receba o dinheiro... e arranje o casamento... Vós salvastes o dinheiro... e vosso...

CIRO

Oh! d. Rosa!... Agradeço-lhe de todo o coração o consentimento para que Eva seja minha companheira... Mas o dinheiro... guarde-o, d. Rosa... Precisa dele... e eu, felizmente, trabalho, ganharei o bastante... Agradeço-lhe...

EVA, interrompendo-o

Olha, **Ciro**, a mamã tem razão... Ella não precisa do dinheiro... e depois, vem viver conosco... Se não o tivéssemos, sempre nos arranjariamos; mas, tendo-o... tu montas uma pequena officina de gravador... livras-te do patrão... e viveremos contentes no nosso canto... Acelta, **Ciro**.

ROSA

E depois, tem que gastar com o casamento... no civil e na igreja... ainda é bastante...

EVA

Qual o quê!

CIRO

Isso é que não, d. Rosa! Então nós ainda agora o salvámos das mãos do padre, e iríamos dar-lh'o outra vez! Seria uma estupidez!

ROSA

Ah! os meus pecados! Ah! Nossa Senhora! Em que mãos eu estou metida!

EVA

Mas a mamã não vê que então sempre ficaríamos roubados pelo padre?

ROSA

Cala-te, filha... que não sabes o que dizes... O sagrado matrimonio é um sacramento necessário...

EVA

Ai! o padre João ainda fala pela sua boca. E a mamã ainda crê nesses intrujões?...

CIRO

Eles dizem que é necessário... porque vivem disso... Mas, para a união de dous seres, ha um só sacramento necessário: o amor!

ROSA

Estou metida com loucos!... E que não dirão os vizinhos?

EVA

Ora! Os vizinhos têm sempre que dizer... Façamos de conta que não existem.

ROSA

Então querem só o registro civil?

EVA

Outro padre...

CIRO

Outros que vivem disso...

ROSA, pondo as mãos na cabeça

Estou meilda com loucos!... Estou metida com loucos!...

(Eva e Ciro, um de cada lado, abraçam-n'a).

CIRO

Não!... Mas sim com pessoas que sabem amar!...

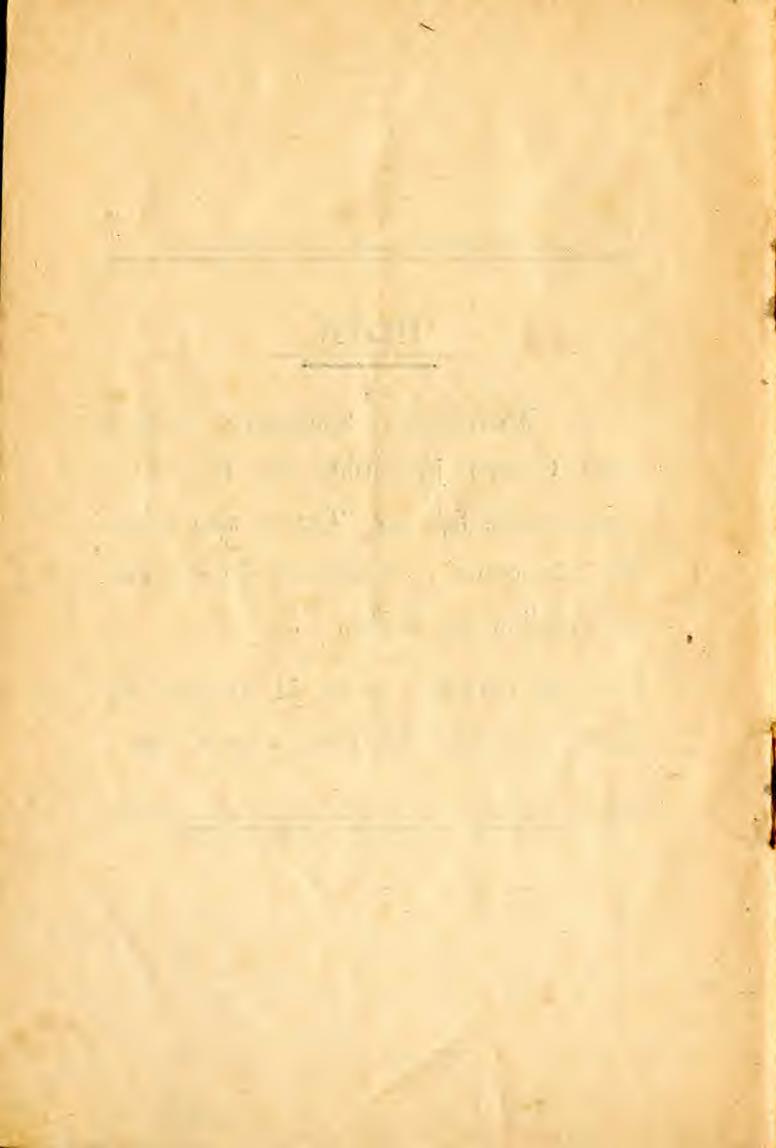
CA'I O PANO



NOTA

Brevemente aparecerá, editado pelo Centro Juventude do Futuro, o interessante folheto "Quem não trabalha não come", de autoria do camarada Adelino de Pinho.

Os pedidos desde já podem ser feitos a *Cecilio Martins, Caixa, 195*



Am

Am

AH
383